

A ideologia dos três Papas ou uma prosa na fila do banheiro: ficções ontopolíticas e produções de liberdades

Késia dos Anjos Rocha¹

Resumo: Três Papas se encontram na fila de um banheiro. Um cenário simples, com poucos elementos. Imaginem um palco limpo ou chão batido, uma pequena construção de tijolos com uma porta de madeira. Enquanto aguardam, conversam sem protocolo sobre suas concepções e projeto de mundo, de modos de ser e de viver. Nessa escrita, que compõe parte de minha tese de doutorado², mobilizo documentos oficiais da Igreja Católica e entrevistas de pontífices para compor uma espécie de esquete teatral que permita a pessoa leitora, primeiramente, montar sua própria compreensão acerca da conjuntura de surgimento do debate e conflito em torno da expressão ideologia de gênero e, em um segundo momento, refletir sobre as tecnologias que sustentam o sistema da diferença sexual com suas instituições normativas, patriarcais e coloniais. A escrita, tomada como recurso estético e político, é a estratégia utilizada para apresentar as contradições, os jogos de poder e as possibilidades de imaginar estratégias de resistência frente às estruturas de dominação.

Palavras-chave: Ideologia de gênero; Políticas antigênero; Políticas de escrita.

¹ Pós-doutoranda em Educação pela ProPEd-UERJ, bolsista FAPERJ. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Mestra em Educação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). kesiaanjos@gmail.com.

² Tese de Doutorado (PPGED-UFS) intitulada “ManiFesta por uma educação sem juízo: artivismos das dissidências sexuais e de gêneros, censuras e educação”, desenvolvida com apoio da FAPITEC e CAPES. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/18091>.

Na fila do banheiro

Sol quente que lasca. Sem nuvem. Poeira no ar. O cheiro é quase um cheiro do próprio pó do dia seco entranhando-se pelas narinas das gentes. Uma fila se monta em frente a estreita porta do banheiro recém construído. O Banheiro do Papa³. O banheiro foi pensando para acolher os dejetos de fiéis e devotes⁴ da Santíssima Trindade, foi pensado como meio de garantir o sustento de uma família. Do Banheiro do Papa, Beto tiraria o sustento dos corpos e dos sonhos da família. Na fila do banheiro, estão à espera Joseph Ratzinger (Papa Bento XVI), Karol Wojtyla (Papa João Paulo II) e Jorge Bergoglio (Papa Francisco). Santíssimo encontro! É possível ouvir o somido de suas vozes, é trilingue: *'hola que tal?'*; *'dizien dobry'*, *'guten morgen'*; bom dia! Mal sabiam eles, ali tão bem vestidos e alinhados em suas vestes papais, quanto trabalho teve Beto para finalizar aquele banheiro. Quantas viagens quilômetros a fora e a dentro em sua bicicleta juntando tijolo por tijolo. Na corda bamba, imerso nos riscos dos contrabandos. No corre-risco da sobrevivência. Também estão à espera outras gentes, algunes se dizem homens, outres se dizem mulheres, alguns a gente não sabe como se dizem, se se dizem. No Banheiro do Papa, isso não é uma questão.

³ O *Banheiro do Papa* (Uruguai/Brasil/França, 2007) é um filme de Cesar Charlone e Enrique Fernández. Ambientado em 1988 em uma pequena cidade uruguaia na fronteira com o Brasil. No filme, a personagem central é o pequeno contrabandista de bens de consumo Beto. Beto, assim como as demais pessoas da cidade, se preparam para a visita do Papa João Paulo II à cidade. Montam barracas de tortas, sanduiches, linguiças, medalhinhas e empanadas na expectativa de venderem aos milhares de turista anunciados pelo noticiário da tv. Na tentativa de se diferenciar, Beto tem a grande ideia de construir um banheiro e cobrar a entrada dos turistas.

⁴ Ao longo do texto faço a utilização do que chamo de vogais outras (e, u, i) como forma de problematizar a linguagem binária tida como oficial, correta, adequada. A intenção não é institucionalizar uma forma x de linguagem e sim evidenciar o caráter cambiante que atravessa também as formas de escrita, tal como acontece com nossos corpos, identidades etc.

Cena 1: O encontro

[A postos na fila do banheiro, os três Papas se ambientam ao clima, aos odores e aos sons de vendedores ambulantes e de fiéis e curiosos ali presentes. Para além disso, aguardam sua vez de usar o banheiro]

Ansioso pelo encontro com seus antecessores, Papa Francisco abre a conversa compartilhando os sentimentos que teve quando da entrevista concedida no avião logo após sua visita à Geórgia e ao Azerbaijão em outubro de 2016⁵. A visita já trazia por si só, muitos pontos de interrogação acerca das motivações e interesse católico naquelas regiões, uma vez que, se tratavam de países com número bastante reduzido de católicos. Seria, como dissera o pontífice, uma jornada ecumênica. Os jornalistas comentavam e o indagavam sobre o conteúdo e códigos de seu discurso, algo que chamara a atenção, foram dois pontos que estão bastante interligados: a ideia de que haveria uma guerra instaurada contra a família e, segundo, que essa guerra teria como arma mais letal a chamada teoria do *gender* (teoria do gênero); essa arma potente, estaria atingindo diretamente o coração das famílias: o matrimônio.

Jorge Bergoglio

– Sabe, eu venho acompanhando muitos homossexuais ao longo de minha vida de sacerdote. Toda essa gente com tendências homossexuais veio a mim, eu lhes ofereci acolhida. É isso que se faz, acolhe. Nunca às abandonei. Nunca lhes disse “vai te embora pois és homossexual”. O que venho dizendo tem muito que ver com o ensino dessa teoria do *gender*. Certa feita “[...] contava-me um pai francês que, à mesa, estavam a falar com os filhos – ele católico, a esposa católica, os filhos católicos,

⁵ Entrevista disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/october/documents/papa-francesco_20161002_georgia-azerbaijan-conferenza-stampa.html

descomprometidos, mas católicos – e perguntou ao filho de dez anos: ‘E tu que queres ser quando fores grande? – ‘Menina’. E então o pai deu-se conta de que, nos livros escolares, se ensinava a teoria do *gender*” (FRANCISCO, 2016, p. 4). É o que venho dizendo, eu chamo isso de “colonizações ideológicas”. Essa gente quer mudar mentalidades.

- “No ano passado, recebi uma carta de um espanhol que me contava a sua história de criança e adolescente. Era uma menina, uma jovem, e sofreu muito porque se sentia rapaz, mas fisicamente era uma menina. Contou-o à mãe, quando já passava dos vinte anos, aos vinte e dois anos, dizendo que queria fazer a operação cirúrgica e todas aquelas coisas. E a mãe pediu-lhe para não o fazer, enquanto ela estivesse viva. Era já idosa e passados pouco tempo morreu. Fez a operação. É funcionário dum Ministério numa cidade de Espanha. Foi ter com o bispo. O bispo acompanhou-o tanto, um bom bispo: perdia tempo para acompanhar este homem. Depois casou-se: mudou a sua identidade civil, casou-se e escreve-me a carta dizendo que para ele teria sido uma consolação vir com a esposa: ele, que era uma ela, mas é ele. E recebi-os. Estavam felizes. E, no bairro onde ele morava, havia um velho sacerdote, na casa dos oitenta, o velho pároco, que deixava a paróquia e ajudava as freiras, lá, na paróquia... E havia o novo [pároco]. Quando o novo o via, advertia-o lá da calçada: “vais para o inferno! ”. Quando encontrava o velho este dizia-lhe “desde quando não te confessas? Anda que te confesso e assim poderás ir à Comunhão”. É disso que falo, “A vida é a vida, e as coisas devem-se acolher como vêm. O pecado é o pecado”. Mas a gente acompanha e acolhe cada caso. Mas “por favor, não digais ‘o Papa santificará os transexuais’”. Por favor! Que fique claro que não é isso. “É um problema de moral. É um problema. É um problema humano” (FRANCISCO, 2016, p. 5).

- O ponto importante é que não podemos permitir que esse movimento, que essa “colonização ideológica” avance mais. E, quando me perguntam o que penso eu da educação sexual, já disse isso na *Exortação Amoris Laetitia*: “A educação sexual deve

ajudar a aceitar o próprio corpo, de modo que a pessoa não pretenda cancelar a diferença sexual, porque já não sabe confrontar-se com ela” (FRANCISCO, 2016b, p. 223).

Joseph Ratzinger

- Nos idos de 2004, quando escrevi a Carta aos Bispos da Igreja Católica⁶ isso já se apresentava como inimigo. Eu já apontava que os discursos que se ancoravam na premissa da emancipação das mulheres, as pautas das feministas, a tentativa de contestação da natureza da mulher na sociedade... Enfim, eu já apontava que esse movimento e ambição pelo poder, por igualar-se ao homem, levaria a uma excessiva rivalidade entre os sexos, levaria a isso que Vossa Santidade percebe como ‘guerra mundial ao matrimônio’. Na realidade, existe essa corrente antropológica que vem questionando um princípio sagrado da pessoa humana, que é sua natureza biológica, sua essência. Somos homens ou somos mulheres. É imutável. O resto é pecado. Ponto. E tem mais um aspecto muito importante nessa história, esses, os adeptos dessa corrente antropológica, têm destituído de importância o fato “[...] de o filho de Deus ter assumido a natureza humana na sua forma masculina” (JOÃO PAULO II, 2004, p. 2). Quando retomamos as Sagradas Escrituras, logo em Genesis já está dito que Deus fez o homem a sua imagem e semelhança. Deus fez o homem e a mulher. Na organização do mundo, Ele ordenou as coisas a partir das diferenças: fez o dia e a noite, os homens e os animais, a luz e a trevas...é isso, ao criar o primeiro homem e a primeira mulher, com base nessa diferença, os corpos humanos são marcados pelo “selo da masculinidade ou da feminilidade” (JOÃO PAULO II, 2004, p.3). Homem e mulher, desde o princípio, estão aí destinados a existir um para o outro, destinados, portanto, ao matrimônio.

⁶ Carta escrita por Joseph Ratzinger (Bento XVI) ainda durante o papado de João Paulo II.

Disponível em:

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20040731_collaboration_po.html

- A antropologia bíblica nos convida a enfrentar os desafios que envolvem as diferenças de sexo. O que eles insistem em afirmar é que essa diferença, inclusive no que se refere à sexualidade, não seria natural, ou seja, eles questionam a própria humanidade. Volto a dizer: “a sexualidade caracteriza o homem e a mulher, não apenas no plano físico, mas também no psicológico e espiritual, marcando todas as suas expressões” (JOÃO PAULO II, 2004, p.4). Acho que precisamos retomar o que João Paulo II nos dizia na Carta às mulheres nos idos de 1995. Precisamos retomar algo fundamental dentre os valores femininos: a capacidade de gerar a vida. A mulher, por natureza, deve ser pensada como coração da família. Ela gera a vida. Ela cuida. A feminilidade é essa “capacidade fundamentalmente humana de viver para o outro e graças ao outro” (JOÃO PAULO II, 2004, p.4). Isso é divino. É o que deve ser.

Karol Wojtyła

- Em junho de 1995, escrevi uma Carta às mulheres do mundo⁷, Vossas Santidades conhecem bem. Lembro que a carta foi transmitida em todas as Conferências Episcopais e teve grande difusão. Era também o ano da IV Conferência Mundial sobre Mulheres, que ocorreria em Pequim. A carta era endereçada à mulher-mãe, à mulher-esposa, à mulher-filha, à mulher-trabalhadora. Ali escrevi sobre quão delicada era a situação das mulheres no campo da sexualidade, reconhecendo os abusos sofridos por elas. Eu reconhecia a gravidade da situação de muitas mulheres. E a Igreja condena veemente tais violências. A Igreja condena também os sistemas de exploração que envolvem o campo da sexualidade, como por exemplo a prática de comercializar o próprio corpo. O corpo é manto sagrado. Fiz questão de louvar àquelas mulheres que, mesmo vítimas de relações sexuais não consentidas, optavam por seguir gerando vidas advindas desses atos. Eu louvava sua bondade e capacidade genuína de amar. Eu

⁷ Disponível em:

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1995/documents/hf_jp-ii_let_29061995_women.html

saudava essas mulheres que entendiam que a escolha do aborto, mesmo nesses casos, era pecado grave. Também fiz questão de cumprimentar cada mulher educadora, pois essa capacidade de se dedicar e se dar ao outro, é algo precioso da feminilidade. As mulheres “realizam uma forma de maternidade afetiva, cultural e espiritual”. Eu dizia, “é no doar-se aos outros na vida de cada dia, que a mulher encontra a profunda vocação da própria vida, ela que talvez mais que o próprio homem vê o homem, porque o vê *com o coração*” (JOÃO PAULO II, 1995).

Joseph Ratzinger

- Minha memória não falha. Lembro que, em 1997, Dale O’ Leary publicou a primeira versão do seu livro “*The gender agenda: redefining equality*”. O’ Leary vem fazendo parte de minha equipe de conselheiros. Ali, ela nos apresenta direitinho o inimigo, o que ela chama de ideologia feminista radical. O inimigo fantasiado de cordeiro. O próprio anticristo. Chamo de inimigo, porque estão agindo contra princípios inegociáveis para nós. Direitos Universais. “A família fundada no matrimônio deve ser cuidadosamente protegida e promovida como fator essencial da existência” (CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA, 2000, p.6)

- E foi muito inspirado em seu trabalho teórico e em sua militância fiel às escrituras sagradas que elaboramos em 2000 “Família, matrimônio e uniões de fato”⁸. Precisamos apontar as diferenças entre uma família fundada no matrimônio sagrado e as chamadas uniões de fato. O aspecto principal é que “família e vida formam uma verdadeira unidade que deve ser protegida pela sociedade, posto que é o núcleo vivo da sucessão (procriação e educação) das gerações humanas (CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA, 2000, p.5). Outro ponto é que “[...] a igualdade perante a lei deve

⁸ Disponível em:

https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/family/documents/rc_pc_family_doc_20001109_de-facto-unions_po.html

ser orientada pelo princípio da justiça, o que significa tratar o igual como igual e o diferente como diferente; ou seja, dar a cada um o que lhe é devido em justiça” (CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA, 2000, p.6). O que os adeptos dessa teoria do *gender* entendem como direitos democráticos, pensamento laico, amor livre, é um ataque direto a instituição familiar, um ataque “político, legislativo e administrativo”. Precisamos cuidar do tecido social. “Há que se levar em conta que a procriação é princípio genético da sociedade, e que a educação dos filhos é lugar primário de transmissão e cultivo do tecido social, assim como o núcleo essencial da sua configuração estrutural” (CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA, 2000, p.7-8).

- E é isso. Equiparar o matrimônio às relações homossexuais, legalizar a adoção por parte de dois homens ou duas mulheres, a epidemia do divórcio. Isso tudo é deletério.

Cena 2: Eva Demônia

[De soslaio, a escuta da santíssima prosa na fila do banheiro, uma quarta personagem tem sua mente envolta numa teia de palavras-sentimentos-conceitos]

Eva

- Deus. Filho. Pai. Espírito Santo. Mãe. Cada coisa em seu lugar. Diferentes. Complementares. Homem. Mulher. Singulares. Complementares. Mulher. Pecado. Homem. Matrimônio. Criança. Família. Coração. Vocação. Mas, sobretudo, Útero. O útero de Eva. Útero ‘original’. Órgão poderoso que abriga os passos todos do mundo. O mundo não anda sem o útero. O mundo não é mundo sem o útero. A humanidade não

existe sem o útero. Mas, do que falam vossas santidades nessa prosa? E porque tal prosa foi trazida para este texto?

Antes de responder à questão acima, gostaria de pensar um pouco sobre o útero ou, como sugere Paul Preciado (2020), sobre as políticas do útero. Na análise de Preciado sobre as políticas de direitos sexuais e reprodutivos no contexto espanhol, um ponto destacado é a grande investida do governo sobre o controle do útero como estratégia de garantir uma espécie de soberania nacional. No *slogan* ‘meu corpo, minhas regras’, tão familiar nos espaços de reivindicações de pautas feministas, observamos o desenho desse campo de disputas. O Estado tenta manter sua gestão sobre o órgão que, diferente de todos os outros órgãos, não tem nada de privado. O *slogan* em voga é, na verdade, ‘meu corpo, suas regras [do Estado]’. O útero seria visto, conforme Preciado (2020, p.98) como uma “cavidade potencialmente gestacional”, “[...] o útero não é um órgão privado, mas um espaço biopolítico de exceção, ao qual não se aplicam as normas que regulam o resto das cavidades anatômicas”. Assim, como órgão de exceção, o útero não é gerido da mesma forma que os rins, pulmões, estômago etc. Esses são órgãos privados. Seria mais simples dizer ‘da minha bexiga cuido eu’, ‘do meu pulmão, cuido eu’, ‘do meu estômago, cuido eu’. Do útero, cuidam o Estado, a Igreja, a indústria médica etc. Como diz Preciado (2020, p.98): “[...] o corpo das mulheres [e corpos com útero, *grifo meu*] contém dentro de si um espaço público”.

Agora sim respondo à questão feita no início deste ato. Como a intenção, nesse momento, é conversar com vocês sobre a conjuntura sócio-política sobre a qual emergiram os discursos e políticas antigênero no contexto brasileiro, achei pertinente expor a cena ficcional apresentada. A prosa na fila do banheiro apresenta uma breve síntese do debate sobre as questões de gêneros, sexualidades e direitos sexuais e reprodutivos no âmbito da Igreja Católica. Para muitos dos autores com os quais dialoguei e, em especial a partir do diálogo com Junqueira (2018), Miskolci (2018),

Miskolci e Campana (2017), Corrêa (2017; 2018) e Corrêa e Kalil (2020), há um quase consenso sobre o momento em que aquilo que conhecemos popularmente como ideologia de gênero passa a ser gestado. Esse ‘útero’ seria a Igreja Católica. A cena que abre essa escrita foi ficcionalizada a partir da pesquisa, leitura e interpretação de alguns documentos oficiais da Igreja Católica e de uma entrevista do Papa Francisco publicada no ano de 2016. A mobilização dos documentos em articulação com as produções teóricas sobre a temática, faz base para construção dessa espécie de esquete teatral, um exercício epistêmico de ficcionalização da realidade.

Desta cena, gostaria que tivéssemos em mente alguns pontos centrais, não há nenhuma intenção de esgotar esse debate, nem mesmo de fazer uma genealogia sobre ideologia de gênero no Brasil. Penso que esse trabalho já foi feito por várias pessoas e de maneira bastante aprofundada (JUNQUEIRA, 2018; CORRÊA, 2018; CORRÊA, KALIL, 2020; MISKOLCI, 2018; MISKOLCI, CAMPANA, 2017). Conforme nos apresenta Junqueira (2018), para grande parte dos pesquisadoras que investigam a temática, a terminologia ideologia de gênero tem o selo do vaticano. Seria uma invenção católica que nasce nos anos 1990 e se difunde no início dos anos 2000. As reações da Igreja Católica a debates e documentos assinados no contexto da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento, realizada no Cairo em 1994 e da Conferência Mundial sobre as Mulheres, ocorrida em Pequim no ano de 1995, são apontadas como marco dessas investidas. É no contexto da Conferência sobre as Mulheres em Pequim que o termo mulher é substituído pelo termo gênero, alargando as possibilidades de pensarmos justiça social para além do conceito de mulher e para além de uma perspectiva apenas ancorada nos binarismos de gênero.

Junqueira (2018) identifica nos setores ultraconservadoras da Igreja Católica a matriz dessa retórica antigênero que, para nós, se populariza pela expressão ideologia de gênero. Falo de uma retórica que se pauta na retomada e preservação do sistema da diferença sexual (PRECIADO, 2020b), no qual as concepções de corpo, sexualidades,

gênero, geração, família, raça estão em conformidade com a norma cisheteropatriarcal colonial hegemônica que se baseia na hierarquização das diferenças entre as gentes. Temos, portanto, uma agenda moral eclesiástica, que atua em rede, envolvendo não somente agentes clericais, mas também seculares que partilham das mesmas crenças. Essa agenda moral tem como pauta central combater os direitos sexuais e reprodutivos, uma vez que, políticas voltadas para a saúde sexual e reprodutiva de mulheres e meninas atuam exatamente contra os chamados princípios inegociáveis, ou seja, a diferença entre os gêneros como algo natural e imutável, a complementaridade entre os gêneros como destino, o matrimônio e a reprodução como deveres. A partir desse eixo central vemos emergir outros campos de disputas: a discussão sobre descriminalização do aborto; acesso a métodos contraceptivos, principalmente no que se refere a esse acesso para adolescentes e jovens; implementação da educação sexual nas escolas, legitimação de arranjos familiares plurais; direito à livre expressão dos gêneros e sexualidades (JUNQUEIRA, 2018).

Se, como sugere o papa Francisco, existe uma guerra mundial contra o matrimônio e à família, a responsabilidade por fazê-la emergir é atribuída a uma rede de agentes. Existiria uma coligação entre correntes do marxismo cultural, comunismo, socialismo, ambientalistas, feminismos, em prol da difusão da chamada ideologia de gênero. Essa associação entre movimentos antigênero e discursos anticomunistas, fica ainda mais evidente quando olhamos para o cenário da América Latina (MIGUEL, 2016). Os argumentos que se farão presentes em documentos oficiais, religiosos, redes sociais e comentários de internautas anônimos robóticos, insistirão nessa tecla: ‘não à ideologia de gênero’, ‘não ao comunismo’, ‘sim à família’, ‘não ao aborto’, ‘sim à vida’.

Ressoa. Ecoa. Reverbera. Acorda o imaginário das pessoas. O discurso é lançado e, ao encontrar um campo favorável, se instala, se desenvolve e se recria. Após longo processo de maturação e elaboração teológica, o discurso passa por uma mutação, ganha

corpos, braços, tentáculos. A pesquisadora Sonia Corrêa lança a ideia de pensá-lo a partir da figura da Hidra, criatura mitológica, antiga, adaptável, ela tem várias cabeças que se nutrem e renascem mesmo após serem decepadas, seriam o que autora denomina hidras antigênero (MESA REDONDA, 2021). Suas múltiplas cabeças se nutrem de sentimentos e temores de grupos diversos, há uma espécie de cola simbólica, colam-se emoções, medos, bordões, pautas morais, pautas do senso comum. Pessoas múltiplas se apropriam do termo e o propagam. Telefone sem fio. Conceitos esfiapados. O discurso ganha sustentação e apoio social ao colar-se à ideia de defesa do bem-estar e segurança de crianças. Nesse processo de rechaço à teoria/ideologia de gênero, assistimos ao esvaziamento do termo gênero, o mesmo é reduzido a uma ideia equivocada que ignora sua história e seu campo teórico de debates, vemos um deslocamento do campo científico e político para o campo da moral.

A agenda antigênero passa a ser difundida pela matriz católica, ganha a cena pública e encontra no caminho outros adeptus que passam a compor uma rede reacionária contrária às questões de gênero – nesse caminho, somam-se vários grupos religiosos como os evangélicos neopentecostais e não religiosos, como é o caso de grupos como Movimento Brasil Livre - MBL, dentre outros (MIGUEL, 2016; MOURA, SALLES, 2018). Para Junqueira (2018), embora esses grupos não sejam os precursores do sintagma ‘ideologia de gênero’, no contexto da América Latina, eles são fundamentais na difusão da ideia e no impulsionar de movimentos propagadores de discursos antigênero.

De modo geral, a população é chamada a combater a ideologia de gênero que estaria sendo propagada por feministas, LGBTI+, amparadas por organismos internacionais e partidos políticos de esquerda (ou comunistas) que estariam investindo no projeto de implementação dessa ideologia nas escolas e no fim da família. Ponto. O termo gênero passa a ser apresentado como uma ameaça às diferenças sexuais ‘naturais’ e aos papéis naturais que homens e mulheres teriam na sociedade. É como se existisse

em curso, um grande plano, para acabar com a família natural e heterossexual. Para a matriz católica, essa seria uma ameaça direta às crianças, portanto a formação da sociedade.

Um dos desdobramentos desse efeito telefone sem fio, como já mencionei, seria uma espécie de esvaziamento do conceito de gênero. Há um questionamento dos estudos de gênero enquanto campo epistemológico legítimo. Teoria vira ideologia. Seja teoria ou ideologia, segundo Junqueira (2018), atuarão como categorias de mobilização política. Conexões entre o termo e a Organização das Nações Unidas - ONU, organizações marxistas e comunistas, criação do monstro inimigo comum. Crianças. Educação. Ataques ao currículo e a autonomia docente; a educação vai aparecer como campo central dessa disputa. A sociedade é intimada por esses grupos a vigiar os espaços escolares formais, espaços educativos, os currículos, docentes e, denunciarem as possíveis ameaças de propagação da perigosa ideologia. Crianças precisam de escolas ‘sem gênero’, precisam ser protegidas da ameaça.

Nessa articulação ecumênica, acompanhamos um processo alinhavado por vários agentes e grupos que se aliam em defesa de uma ideia de família, uma família tradicional. Reafirmam em suas pautas a diferença sexual como justificativa para hierarquizar pessoas. A ofensiva antigênero constrói uma maquinaria político-discursiva em rede e muitos discursos contribuem para alimentar o pânico moral e instalam um movimento de moralização da sociedade (JUNQUEIRA, 2018; MISKOLCI, 2018). Como destaca Junqueira (2018, p. 457), “Em geral, movimentos antigênero preconizam uma política ancorada no fundamentalismo religioso, hiperconservadora no terreno da moralidade privada”. A conexão entre agentes diferentes e até antagônicos, como católicos, evangélicos e laicos, alavancam a retomada da moralização conservadora da sociedade. Esses agentes que, em outros contextos, atuaram em movimentos opostos, uma vez que, disputam poder e espaço social, passam a atuar juntos, de forma colaborativa (CORRÊA, PATERNOTTE, KUHAR, 2018, p. 6). Num giro para além de

nossos próprios contornos fronteiriços, é possível, a partir da leitura dessas autoras, apontar que a ofensiva antigênero é um fenômeno de caráter transnacional. De 2012 para cá assistimos a uma série de eventos que nos permitem tal afirmação. Manifestações contrárias às uniões entre pessoas do mesmo sexo na França, Espanha e outros países da Europa, crescimento das campanhas contra a ideologia de gênero na América Latina a partir da formação de uma rede de atores diferentes e divergentes.

Observa-se que, de alguma forma, essa pauta os une. Católicos, evangélicos e laicos juntos em prol de um objetivo comum ou, cada um com seus interesses prioritários, mas uma coisa é fato: estão juntos nessa.

Miskolci (2018) localiza como marco inicial desse deslocamento da cruzada antigênero para a América Latina, a Conferência Episcopal da Igreja Católica do Peru, no ano de 1998. Naquela ocasião a Santa Sé se preparava para combater os ‘perigos’ da chamada ideologia de gênero e organizava sua reação ao avanço das pautas dos direitos sexuais e reprodutivos e, especificamente, à inserção do conceito de gênero nos acordos internacionais, resultantes das Conferências da ONU. Um segundo marco, de acordo com Miskolci e Campana (2017) seria a realização da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe realizada em 2007 na cidade de Aparecida/SP., a presente conferência teve como resultado a publicação do Documento de Aparecida, que marca a instauração da ‘guerra’ à ideologia de gênero na América Latina.

Ainda em diálogo com Miskolci (2018), o autor aponta como impulsos do pânico moral no contexto latino americano, dois fatos: o reconhecimento das uniões entre pessoas do mesmo sexo na Argentina, em 2010 e no Brasil, em 2011. Nesse mesmo ano, tivemos uma série de debates no Uruguai, envolvendo a presença do termo gênero no Plano Nacional de Educação uruguaio. No Equador, em 2013, acompanhamos o presidente Rafael Corrêa denunciar a ideologia de gênero como mecanismo de destruição das famílias. A partir de 2014, acompanhamos esse

movimento se espalhar e ampliar seu coro por vários outros países como Colômbia, Costa Rica e Brasil⁹. Marca bastante as memórias de nós, pesquisadoras das dissidências sexuais e de gênero, os ataques contra a filósofa Judith Butler no ano de 2017, quando estive em São Paulo (JUNQUEIRA, 2018). Na análise de Corrêa, Paternotte e Kuhar (2018) os grupos católicos da América Latina tiveram papel importante da difusão do pânico moral e promoção de ações políticas antigênero e, fizeram seus movimentos com foco no debate contrário a descriminalização do aborto. Nessa atuação em rede transnacional, dos solos sagrados do vaticano, com a bênção da Santíssima Trindade, o ‘Selo Vaticano de qualidade’ passa a ser emitido também pela América Latina e se converte em forte tecnologia política de controle.

Cena 3. Efeito Francisco

[Na pequena sala de um coletivo de jovens católicos LGBTI+, alguns dos membros da Rede Nacional de Grupos Católicos LGBTI+ se reúnem para comemorar a possibilidade de casais compostos por pessoas do mesmo sexo receberem as bênçãos da Igreja Católica. O anúncio se refere a publicação do documento¹⁰ que autoriza que sacerdotes concedam bênçãos a casais do mesmo sexo e outros casais considerados ‘em situações irregulares de união’ sem, no entanto, validar seu estatuto ou atribuir qualquer status de casamento]

⁹ Para conhecer melhor esse panorama ver documentário Gênero sob Ataque. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Aj3St_zUM7M

¹⁰ Documento *Fiducia Supplicans* (Confiança Suplicante) que versa sobre o significado pastoral das bênçãos. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_dcf_doc_20231218_fiducia-supplicans_sp.html

Papa Francisco

- É importante deixar evidente que a Igreja define e compreende o casamento como a união exclusiva e indissolúvel entre um homem e uma mulher. Devemos, portanto, evitar qualquer ambiguidade, qualquer escândalo que leve a pensar diferente disso. O que estou dizendo é que quando alguém nos pede uma bênção, devemos compreender que se trata de um pedido de ajuda a Deus, e não podemos negar isso a ninguém. Além disso, já ressaltai em outro momento, e quando me questionam sobre as pessoas homossexuais, o que digo é que “[...] pessoas homossexuais têm o direito de estar em uma família. Elas são filhas de Deus e têm direito a uma família. Ninguém deveria ser expulso ou forçado à infelicidade por conta disso” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020, n/p.).

O pontificado do papa Francisco completou 10 anos em março de 2023. Para alguns pesquisadores do tema, a liderança do pontífice tem, desde o início, sido marcada por posicionamentos e gestos mais abertos ao diálogo que envolve temas como gênero e sexualidades (FURTADO, 2021; SERRA, 2022; LAWLER, SAZLMAN, SANTOS NETO, 2021). Embora em seus pronunciamentos, assim como seus antecessores, defenda que a manutenção do sistema da diferença sexual seria pré-requisito do *status* de humanidade dos sujeitos, o papa argentino que, desde a escolha do nome, Francisco, em referência à Francisco de Assis, o santo pai dos pobres e oprimidos, representaria uma mudança de postura no enfoque pastoral, anteriormente bastante centrado no fortalecimento da tradição teológica acerca de questões sobre família, matrimônio, sexualidade (FURTADO, 2021).

Embora os estudos da área, como vimos anteriormente, localizem no campo católico o berço do debate/conflito sobre ideologia de gênero, é fundamental compreendermos que não estamos afirmando a existência de um bloco único de católicos, composto por sacerdotes e fiéis que expressam e partilham da mesma opinião/posição. Há movimentos dissonantes importantes entre católicos e também

entre outros grupos cristão como, por exemplo, os evangélicos. Me refiro a coletivos como a Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT, formada por mais de 20 grupos; Frente Evangélica de Direitos; Evangélicas pela Igualdade de Gênero; Católicas pelo Direito de Decidir, para citar alguns. São grupos articulados com pastorais, projetos sociais, igrejas, religiosos e que atuam na produção de contranarrativas sobre a fé e suas tradições (SERRA, 2022).

Se há disputas entre leigos, as vozes dissonantes também ecoam entre os clérigos. Diferentes ênfases marcam cada papado. A doutrinação católica sobre a essência do feminino e a complementaridade dos sexos estava presente desde a década de 1960 e se acentuou a partir da década de 1980 com o papa João Paulo II. Depois disso, a partir das movimentações e disputas em Conferências, com a apropriação da palavra gênero por parte dos teólogos e a criação do sintagma ideologia de gênero, observamos uma investida mais forte contra os direitos sexuais e reprodutivos, questões de gêneros e de sexualidades, pontos estes que têm mais destaque no papado de Bento XVI. Nos papados de João Paulo II e Bento XVI, o ativismo antigênero foi ganhando status de política institucional, houve uma investida na produção de textos doutrinários, na formação de um ativismo católico antigênero, bem como a disseminação mundial da produção teórica sobre o tema. Conferências episcopais, criação de institutos de bioéticas em universidades católicas, movimentos leigos como a Renovação Carismática, são alguns desses meios de disseminação dessas ideias (SALES, 2021).

Acerca da existência ou não de um ‘efeito Francisco’ de transformação da Igreja Católica e especificamente, do poder central da mesma, em diálogo com Michael Lawler, Todd Szalman e José Santos Neto (2021) é possível identificar algumas diferenças que marcam os últimos anos desde a nomeação do papa Francisco; para esses autores, o pontífice “[...] realizou mudanças no sentido da prática pastoral católica” e não no sentido de uma mudança doutrinária. Demonstram isso dando destaque aos posicionamentos do papa acerca de temas como matrimônio/coabitação, comunhão para

peças divorciadas, homossexualidades e união entre pessoas do mesmo sexo, as chamadas ‘situações irregulares’, como define o pontífice. Para exemplificar, no documento *Amoris Laetitia* (FRANCISCO, 2016b, 240) o papa diz o seguinte: “[...] não se pode mais simplesmente dizer que todos aqueles em qualquer situação ‘irregular’ estão vivendo em estado de pecado mortal e estão privados da graça santificadora”. O apelo ao resgate de consciência individual dos sujeitos aparece, nos gestos do papa Francisco, como uma brecha que possibilitaria avistarmos mudanças nas práticas cotidianas das igrejas, mesmo que isso não signifique a mudança das doutrinas propriamente ditas.

Cena 4: Fim de festa

[Já passa do meio dia. Aliviados após o uso do banheiro, os três papas estão a postos para oferecerem a sua bênção aos milhares de fiéis que os aguardam há dias. Eva se apresenta na primeira fila, apesar da ansiedade, é impossível silenciar o coro de pensamentos conflitantes e inquietos que ocupam seu corpo-mente. Enquanto isso, Beto, sua esposa e filha, se revezam no atendimento e higienização do banheiro. A fila se renova a cada instante e, contente, Beto sorri para si mesmo, como quem se parabeniza por tamanha genialidade. No fim, o Banheiro do Papa garantiria o sustento da família, a compra da motocicleta e talvez um impulso inicial para o custeio dos estudos da filha].

O diálogo ficcional às portas do Banheiro do Papa teve a intenção de provocar a reflexão sobre os principais elementos dessa batalha por hegemonia política que envolve as disputas em torno das questões de gêneros, sexualidades e direitos sexuais e reprodutivos em âmbito transnacional. Batalha esta que se dá em campos

epistemológicos, ontológicos e taxonômicos (PRECIADO, 2020b) e que teve como passarela performática principal o campo da educação, especificamente a partir da figuração da ideia de ‘criança em perigo’. A escola foi colocada no centro do debate público que envolve essas disputas. Defesa da família tradicional. Defesa da criança. Defesa da primazia da família na educação sexual e religiosa dos filhos. Defesa da regulamentação da educação domiciliar para assegurar a posição da família como única responsável pela educação das crianças (MIGUEL, 2016; JUNQUEIRA, 2018). Ataques renomeados de defesa. Uma série de investidas políticas que orbitaram ao redor dos conceitos de criança e infância, mas que expressam na realidade as estratégias de guerrilha daqueles que lutam pela manutenção do sistema da diferença sexual e de sua estrutura.

No jogo de forças que compõe essa guerrilha, também acompanhamos a mobilização daqueles que não estão inscrites como sujeitos políticos na estrutura do sistema da diferença sexual e do Estado Democrático Binário. No âmbito do Paradigma Binário – identidade, estado-nação, instituição reprodutiva – existem muitas outras formas de vida que não podem ser explicadas dentro desse paradigma. Portanto, como estratégia de guerrilha dissidente, optamos pela criação, pela tática da inventividade. A última personagem desse escrito, Eva Demônia, na interação com as argumentações de Paul Preciado (2022), nos provoca e questionar sobre os porquês de aceitarmos que uma parte de nossos corpos, que é considerada pelo Estado como potencialmente reprodutiva, defina a totalidade de nossas subjetividades sociais e políticas, porque não recusamos essa inscrição discriminatória? (PRECIADO, 2022).

Nesse encontro sacrossanto vivenciado por nossa personagem, Eva, avistamos o borbulhar dos questionamentos de um determinado *status* de existência. Eva não se vê como uma falha ontológica dentro desse sistema. Abraçar a demonização de Eva. Essa talvez seja nossa tecnologia de poder e, quem sabe, um dos caminhos para a invenção

de liberdades. Rasgar o selo binário da existência. Fazer emergir existências, alianças, afetividades, parcerias, comunidades, modos de vidas mais imaginativos.

Referências

ALMEIDA, Ronaldo. A onda quebrada: evangélicos e conservadorismo. Campinas: **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 50. 2017. <https://doi.org/10.1590/18094449201700500001>

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA. Família, Matrimônio e “União de Fato”. 26 jul. 2000. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/family/documents/rc_pc_famil_y_doc_20001109_de-facto-unions_po.html. Acesso: 06 nov. 2022.

CORRÊA, Sonia; PATERNOTTE, David; KUHAR, Roman. **A globalização das campanhas anti-gênero**. 2018. Disponível em: <https://sxpolitics.org/ptbr/a-globalizacao-das-campanhas-anti-genero/8513>. Acesso em: 22 set. 2022.

CORRÊA, Sonia. A “política do gênero”: um comentário genealógico. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 53. 2018. <https://doi.org/10.1590/18094449201800530001>

CORRÊA, Sonia; KALIL, Isabela Oliveira. Políticas Antigênero em America Latina: Brasil – La catástrofe perfecta? Rio de Janeiro: **ABIA** – Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids, 2020. Disponível em: <https://sxpolitics.org/GPAL/uploads/Ebook-Brasil%2020200204.pdf>. Acesso em: 10 out. 2022.

FRANCISCO. Conferência de imprensa do Santo Padre durante o voo Baku-Roma. 02 out. 2016. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/october/documents/papa-francesco_20161002_georgia-azerbaijan-conferenza-stampa.html. Acesso em: 06 nov. 2021.

FRANCISCO. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*. 19 marc. 2016b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html. Acesso: 07 nov. 2021.

FOLHA DE SÃO PAULO. Em declaração incisiva, papa Francisco diz que casais gays têm direito a união civil, São Paulo, 21 out. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/10/papa-francisco-diz-que-casais-lgbt-tem-direito-a-uniao-civil-e-a-integrarem-uma-familia.shtml>. Acesso em 02 mar. 2024.

FURTADO, Maria Cristina Silva. Papa Francisco e as pessoas LGBTQI+: mudanças e perspectivas. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 19, n. 59, p. 675-702, mai/ago. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2021v19n59p675>. Acesso: 03 mar. 2024.

JOÃO PAULO II. Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre a colaboração do homem e da mulher na Igreja e no mundo. 31 mai. 2004. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20040731_collaboration_po.html. Acesso em: 05 nov. 2021.

JOÃO PAULO II. Carta do Papa João Paulo II às Mulheres. 29 jun. 1995. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1995/documents/hf_jp-ii_let_2906_1995_women.html. Acesso em: 05 nov. 2021.

JUNQUEIRA, Rogério. A invenção da ideologia de gênero: a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. **Psicologia Política**, v.18, n. 43, p. 449-502. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2018000300004. Acesso: 02 jul. 2022.

KALIL, Isabela Oliveira. Incursões da “ideologia de gênero” na educação. **Sur – Revista Internacional de Direitos Humanos**, v.16, n. 29, p. 119-128. 2019. Disponível em: <https://sur.conectas.org/incursoes-da-ideologia-de-genero-na-educacao/>. Acesso: 10 ago. 2022.

LAWLER, Michael G.; SAZLMAN, Todd A.; SANTOS NETO, José Martins. Papado do Papa Francisco: renovação pastoral, não mudança doutrinária. **Horizonte – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, Belo Horizonte, v. 19, n. 59, p.646-674. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2021v19n59p646>. Acesso em 02 mar. 2024.

MESA REDONDA. Políticas antigênero na América Latina e Europa. Fazendo Gênero 12 – Canal 7. 1 vídeo 02: 27 mim.). 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tC450nqcrEo>. Acesso em 30 jul. 2022.

MIGUEL, Luis Felipe. Da doutrinação marxista à ideologia de gênero: Escola sem Partido e as leis da mordça no parlamento brasileiro. **Direito & Práxis**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 15, p. 590-621. 2016. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/25163>. Acesso em: 05 ago. 2022.

MISKOLCI, Richard. Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à ideologia de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, 53. 2018. <https://doi.org/10.1590/18094449201800530002>. Acesso em: 05 ago. 2021.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Revista Sociedade e Estado**, v. 32, n. 3, p. 725-747, set-dez. 2017. <https://doi.org/10.1590/s0102-69922017.3203008>

MOURA, Fernanda Pereira; SALLES, Diogo da Costa. O Escola Sem Partido e o ódio aos professores que formam crianças (des)viadas. **Periódicos**, Salvador, v. 1, n. 9, p. 136-160, mai-out. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicos/article/view/25742>. Acesso em: 10 set. 2022.

PRECIADO, Paul. B. **Um apartamento em Urano**: crônicas da travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

PRECIADO, Paul. B. Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas. Tradução: Sara Wagner York. Revisão da Tradução: Carolina Torres. **Revista A Palavra Solta**. 2020b. Disponível em: <https://www.revistaapalavrasolta.com/post/eu-sou-o-monstro-que-vos-fala>. Acesso em: 07 jun. 2022.

PRECIADO, Paul B. **Dysphoria mundi**. Barcelona: CasaNovas & Lynch Agencia Literaria, 2022.

SALES, Lilian. O ativismo católico: Bioética, Direitos Reprodutivos e Gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 3. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n371678>. Acesso em 03 mar. 2024.

SERRA, Cris. “O amor vence o ódio”: disputas entre narrativas de deus e de gênero nos cristianismos brasileiros. **Revista Sociedad y Religión**, v. 32, n. 59. 2022. Disponível em: <https://ojs.ceil-conicet.gov.ar/index.php/sociedadreligion/article/view/856>. Acesso em 08 mar. 2024.

The ideology of the three Popes or a conversation in the bathroom:
ontopolitical fictions and productions of freedoms

Abstract: Three Popes meet in a bathroom queue. A simple setting, with few elements. Imagine a clean stage or dirt floor, a small brick building with a wooden door. While they wait, they talk without protocol about their conceptions and world project, ways of being and living. In this writing, which is part of my doctoral thesis, I mobilize official documents of the Catholic Church and interviews of pontiffs to compose a kind of theatrical sketch that allows the reader, first, to assemble his own understanding about the conjuncture of the emergence of the debate and conflict around the expression gender ideology and, in a second moment, to reflect on the technologies that sustain the system of sexual difference with its normative, patriarchal and colonial institutions. Writing, taken as an aesthetic and political resource is the strategy used to present the contradictions, the power games and the possibilities of imagining strategies of resistance against the structures of domination.

Keywords: Gender ideology; Anti-gender policies; Writing policies.

Recebido: 26/07/2024

Aceito: 30/06/2024